

# OS TRONCOS MISSIONEIRO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MISSIONEIRA A PARTIR DA MÚSICA

Iuri Daniel Barbosa<sup>1</sup>

Resumo: Troncos Missioneiros é o nome de um disco que reúne quatro artistas da Região Missioneira do Rio Grande do Sul: Jaime Caetano Braun, Noel Guarany, Cenair Maicá e Pedro Ortaça. Além de fomentar uma Música Regional Missioneira, o principal legado dos artistas relacionados como “Troncos Missioneiros” está no pioneirismo da construção de uma identidade missioneira através da música. No que tange a identidade regional, são enfatizados algumas temáticas principais: as características de um passado rural; a influência da cultura Guarani; a fronteira de integração/repulsão latino-americana. Já a construção de uma Música Regional Missioneira parte de algumas influências anteriores importantes, mas é consolidada pelos artistas citados. Depois deles, há um grande leque de artistas nascidos na região que se identificam com a produção musical missioneira, vários destes parentes diretos dos Troncos. Num contexto maior, a partir dos anos 90, a música regional do Rio Grande do Sul se desenvolve por dois caminhos: Música Campeira e a Tchê Music. Em ambos, há regravações da obra musical dos Troncos Missioneiros. Nosso trabalho vincula-se a uma Geografia Cultural Renovada, a partir da inclusão de novos objetos de estudo, em nosso caso a música popular.

Palavras-chave: Música e geografia; fronteira; música regional; identidade missioneira.

Abstract: The music album named “Troncos Missioneiros” assembles four artists from Missões, a region of Rio Grande do Sul, Brazil: Jaime Caetano Braun, Noel Guarany, Cenair Maicá and Pedro Ortaça. Besides encouraging the regional music from Missões, these artists’ main legacy is their pioneerism towards developing identity to the region through music. In what concerns regional identity, a few set of themes are emphasized: features of a rural past; the influence of the guarani culture; Latin America’s existing border of integration/repulsion. The development of the regional music from Missões begins based on major past influences, though is consolidated by the artists above. After them several artists born in that region identify themselves to the musical production from Missões, a lot of those are direct relatives from the “Troncos”. In a bigger context, from the 90’ on the regional music from Rio Grande do Sul develops itself in two paths: “Música Campeira” and “Tchê Music”. There are remakes of Troncos Missioneiros’ work made by both. This paper subscribes to the New Cultural Geography through including new study subjects, in this case, popular music.

Key words: Music & Geography; border; regional music; Missões’ identity.

“São quatro cernos de angico  
Falquejados na minguante,  
Que vêm trazendo por diante  
Nosso tesouro mais rico,  
Que há três séculos e pico  
Os centauros nos legaram  
Memórias que não gastaram  
Nos entreveiros da infância;  
E olfateando na distancia,  
Algumas que se extraviaram.

Os quatro são missioneiros,  
Unidos num mesmo abraço;  
São tentos do mesmo laço,  
Brasas dos mesmos braseiros,  
Chispas dos mesmos luzeiros,  
Que onde um vai o outro vai.  
Nenhum pesar os contrai  
Nem desencanto nem mágoa;  
Os quatro beberam água  
Nos remansos do Uruguai.”  
(BRAUN, 1987)

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho vincula-se a uma Geografia Cultural Renovada, a partir da inclusão de novos objetos de estudo, como também de novas abordagens a objetos que já eram de interesse, onde os estudos geográficos sobre música exemplificam essa situação (CASTRO, 2009). “Dessa forma, compreendemos a música como um texto, um “espaço multi-dimensional”, aberto, fragmentário, inacabado e incoerente, receptivo a múltiplas interpretações concorrentes” (KONG, 2007, p. 155).

Muitas vezes, o “caráter e a identidade dos lugares são apreendidos a partir de letras, melodia, instrumentação e da “percepção” geral ou do impacto sensorial da música” (KONG, 2007, p. 137). Desse modo, os estudos que relacionam Música e Geografia “oferecem ricas evocações de lugares, de uma forma geralmente ausente nas fontes geográficas convencionais” (KONG, 2007, p. 137).

Troncos Missioneiros é o nome de um disco (um LP lançado em vinil em 1988 e re-lançado em CD na década de 2000) que reúne quatro artistas da Região Missioneira do Rio Grande do Sul: Jaime Caetano Braun, Noel Guarany, Cenair Maicá e Pedro Ortaça. Com registros fonográficos a partir dos anos 1970, a obra desses artistas está intimamente relacionada à construção da identidade missioneira no Rio Grande do Sul, Brasil. Também podem ser considerados como troncos de uma “Música Regional Missioneira”, que acabou por influenciar uma parcela significativa da música regional produzida nesse estado.

## OS QUATRO TRONCOS MISSIONEIROS

Em uma árvore, um tronco é um tipo de caule lenhoso, resistente, cilíndrico ou cônico. Já em anatomia, tronco é a parte central de onde se projetam a cabeça e os membros. Fazendo analogia com nossos artistas, podemos dizer que Jayme, Noel, Ortaça e Cenair são a base de onde se projetará a Música Regional Missioneira. Como Jayme os define, são quatro cernos de angico. Ainda nos anos 60, os quatro artistas se reuniram, objetivados a colocar o território missioneiro no mapa musical gaúcho. Conforme as palavras de Pedro Ortaça (2011):

Em meados de 1966 eu, juntamente com Noel Guarani e Cenair Maicá nos reunimos para tocar e cantar e decidimos que iríamos criar um novo modo de tocar e cantar. A maneira que as coisas do Rio Grande eram colocadas não nos satisfaziam, não era a maneira que queríamos para o norte do nosso trabalho. Nos reunimos para tocar e cantar a identidade musical missioneira.

Além dos três artistas citados no trecho acima, Ortaça faz referência a outro missioneiro, Jaime Caetano Braun, que nos serviu de fonte e vertente para o nosso trabalho (ORTAÇA, 2011).

Jayme Caetano Braun nasceu no distrito da Timbaúva, interior do município de Bossoroca<sup>2</sup> em 1924. Afirmava ser neto de índia guarani, chegou a ser tropeiro e curandeiro, também trabalhando em profissões urbanas, como radialista, jornalista e funcionário público. Braun morreu em Porto Alegre, em 1999. É considerado o difusor da Payada (poesia declamada, de origem platina) no Brasil. Jaime Caetano Braun lançou nove livros de poesia, além de dez discos contendo payadas e músicas instrumentais. Teve poesias musicadas por inúmeros artistas, entre eles Noel Guarany, Cenair Maicá, Pedro Ortaça e Luís Marengo.

Também de Bossoroca é Noel Guarany, nascido em 1941 (faleceu em Santa Maria, em 1998). Descendente de guaranis e italianos, trabalhou como balseiro, lenhador, tarefeiro de mate e também foi radialista. Ainda na juventude, percorre

os países do Prata, recolhendo canções que chamaria de “Cancioneiro Guaranítico”<sup>3</sup> (SOSA, 2003, p. 25). A esse trabalho, qualifica como “Música de pesquisa”, contrapondo-se aos Festivais de Música Nativista, dos quais não participava (POMMER, 2009, p. 175). A ele é creditada, por Pommer (2009), a tarefa de divulgação e o reconhecimento da região como missioneira por seus habitantes. Conforme depoimento do próprio autor, quando afirma que “na época que eu comecei a cantar não existia música missioneira e eu me vi na obrigação de cantar e a música missioneira está aí” (MANN, 2002, p. 8).

No fim dos anos 70, passa a ter reconhecimento da intelectualidade. Apresenta-se em universidades públicas tornando-se conhecido do público estudantil. Em 77 foi convidado a participar de evento no centro do país, juntamente com Edu Lobo, Chico Buarque, entre outros artistas da MPB. Por seu conteúdo crítico, o show acabou cancelado pelo governo ditatorial daquele período. Passa a ter expressão em jornais do centro do país, através de matérias escritas. Por conta das reportagens, divulga São Luiz Gonzaga, que começa a ficar conhecida como capital da música missioneira (POMMER, 2009, p. 176).

Também nascido em Bossoroca, em 1942, Pedro Ortaça aprendeu a tocar com os pais, que eram músicos de “bailantas” no interior. Em 2008 recebeu o título, pelo Ministério da Cultura, de Mestre da Cultura Popular Brasileira (BRASIL, 2008). Para Ortaça (2011), “a diferença da música missioneira para a produzida em outras regiões do Estado está na maneira de cantar-denunciando, protestando, registrando e levando para o futuro o passado de um povo esquecido, explorado, mas cheio de encanto e essências, o povo Guarani.” Em outro depoimento, Ortaça enfatiza a importância dos “Troncos Missioneiros” para a representação histórica da região:

Através do nosso canto, o povo foi conhecendo a verdadeira história do povo missioneiro, povo de quem foram roubadas as terras, o gado, as riquezas. Mataram velhos, moços e crianças num extermínio bárbaro. Mas não conseguiram silenciar a voz da verdade, que era ouvida e esparramada pelo vento de coxilha em coxilha, como se fosse um lamento. Não conseguiram apagar sua história de lutas, fraternidade e amor a esse chão colorado! (ORTAÇA *apud* JÚDICE, 2009).

Missioneiro, do município de Tucunduva, Cenair Maicá nasceu em 1947. Aos três anos, cruzou a fronteira com sua família para viver em acampamentos de extração de madeira às margens do Uruguai. Criado em meio aos madeireiros, balseiros e pescadores, absorveu desde cedo à musicalidade de suas formas de expressão: foi com os peões argentinos e paraguaios que trabalhavam com seu pai que aprendeu os primeiros acordes da guitarra. Morreu em Porto Alegre em janeiro de 1989 (MANN, 2002).

Suas canções falam da natureza (rios, matas, pássaros, diversidade), retratam os problemas urbanos: o favelado, o louco, os índios marginalizados, os sem terra, o campo devastado (monocultura, poluição). Além de cantar a história e a identidade missioneira, apresentava-se como um artista engajado, valorizando o sentido e a utilidade do povo no seu cantar. Nesse depoimento, Cenair fica mais claro:

Eu tenho me dedicado a cantar não só a história que passou, os costumes, mas a realidade do homem da minha região. Eu acho que o músico, além de cantar as coisas alegres, a paisagem, a história, tem o dever de ser útil ao povo com o qual convive no dia-a-dia. Então eu procuro, dentro da minha música, dizer alguma coisa que possa motivar ou sensibilizar pessoas no sentido de resolver certos problemas de nosso povo. Porque nós, os artistas, temos uma força na mão, que é o instrumento, e temos a oportunidade de nos comunicar com o povo através dos canais de divulgação. Então temos o dever de ser útil ao povo. Nossa luta não pode ser com armas, mas através da palavra (MANN, 2002, p. 16).

## REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE MISSIONEIRA A PARTIR DOS TRONCOS MISSIONEIROS

Acreditamos que “os textos musicais devem ser entendidos como diálogos sociais em andamento, os quais ocorrem em determinadas situações sociais e históricas e refletem esses cenários” (KONG, 2007, p. 139). Nesse sentido, a obra musical dos Troncos Missioneiros pode ser contextualizada no bojo das transformações que a região das Missões passava. Nos anos 1960 ganha força o processo de modernização do campo na região, através da substituição da pecuária e lavoura tradicional pela agricultura de grãos<sup>4</sup>. Neste período foi grande o êxodo rural, sendo que os Troncos Missioneiros vivenciaram esse processo: nasceram no campo e migraram para as cidades. Essa transformação do rural não passou despercebida pelos artistas, gerando nostalgia de um passado idealizado, de forma análoga a outros trabalhos que relacionam Música Popular e Geografia, conforme pontua Kong (2007, p. 140), “como uma consequência, a paisagem rural e o estilo de vida agrário do passado são idealizados, principalmente entre migrantes desarraigados. Há uma saudade de casa e a nostalgia amarga de um modo de vida que parece ter sido irremediavelmente perdido, e o passado enevoado passa a ser reavaliado como um lugar sagrado.”

Uma das características em comum é a busca por uma aproximação com a história indígena da região. Noel, por exemplo, evitou seus sobrenomes portugueses e italianos como nome artístico, preferindo a alcunha de “Guarany”. Assim como

Noel, todos se definem como descendentes de Guaranis, embora não neguem a mestiçagem com outras etnias (lusos, espanhóis, negros, mouros, italianos e alemães). Isso acabou gerando sincretismos, hibridismos, misturas em suas canções. No texto musical, uma destas misturas está no ritmo chamamé, bastante executado pelos missioneiros. Palavra guarani, significa improviso. Sendo assim, seu ponto de difusão estaria no sul e leste do Paraguai e nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones. Notamos uma forte relação do chamamé com a localização dos antigos 30 povos das Reduções Jesuíticas dos Guaranis e com as atuais aldeias indígenas dos Guaranis.

A situação geográfica da região missioneira, fronteira do Brasil com a Argentina (e nas proximidades do Uruguai e do Paraguai), está presente nas letras das canções, nos intercâmbios com artistas, e também em ritmos. A fronteira vai aparecer de duas formas: repulsão e integração. Repelindo, conforme pontua Machado (1998, p. 42), como uma região “de perigo ou ameaça” sendo “objeto permanente da preocupação dos estados no sentido de controle e vinculação”. Também como um fator de integração, “na medida em que for uma zona de interpenetração mútua e de contante manipulação de estruturas sociais, políticas e sociais distintas” (MACHADO, 1998, p. 42): Essa preocupação do Estado está presente nas heranças das batalhas pela demarcação dos limites em que a região foi forjada. Exemplo pode ser encontrado na já citada “Payada” de Jayme: “Por mais de trezentos anos/ fui pastor e sentinela/ Na linha verde e amarela/ peleando com castelhanos/ Gravando com “los hermanos”/ a epopéia do fronteiro!/ Poeta, cantor e guerreiro/ da América que nascia/ Na bendita teimosia/ de continuar brasileiro” (BRAUN, 1983). Também está presente na “Milonga das três bandeiras”, de Pedro Ortaça e Carlos Cardinal: “Palmo a palmo demarcadas/ Nasceram nossas fronteiras/ Indiada do queixo roxo/ Escaramuças guerreiras” (ORTAÇA, 2009). Na mesma música, a fronteira pode aparecer também como integração: “Hoje em dia todos falam na integração como emblema/ quando nós os cantadores carregamos este tema/ desde que as pátrias nasceram foi esse o nosso lema” (ORTAÇA, 2009).

Proximidade da fronteira facilita os contatos culturais entres fronteiriços e fronteiriças. Como nos bailes, fandangos, festividades. Exemplo na letra de “Fandango da fronteira”, de Noel Guarany, onde comungam-se chinocas dos dois países: “Vou te contar bem direitinho das chinocas missioneiras/ dos olhares feiticeiros, carinhoso e candongueira/ Umas que são argentinas outras que são brasileiras” (GUARANY, 1971). Ideia semelhante está presente também no “Baile do Sapucay”, de Cenair Maicá: “Neste compasso da gaita do sapucay/ Se bailava a noite inteira lá na costa do Uruguai/ Luz de candieiro e o cheiro da polvadeira, hermanava castelhana e brasileiros na fronteira” (MAICÁ, 1980). A integração entre as fronteiras estará presente como proposta de nome do quarto disco “Sem fronteira”, quarto da carreira de Noel Guarany. Ou então em “Três Bandeiras”, de Pedro

Ortaça, onde os autores prestam homenagem a três heróis nascidos na região – Sepé Tiaraju<sup>5</sup>, Andresito Guacurari<sup>6</sup>, San Martín<sup>7</sup>: “Os três tauras que moldaram/ Os confins americanos/ Querem ir frente aos demais/ Abraçados como hermanos” (ORTAÇA, 2009).

A proximidade com os países vizinhos também efetivou um maior contato entre os Troncos Misioneiros com elementos da música platina: instrumentistas, compositores (e suas obras musicais) e ritmos. Assim, houve intercâmbio musical com artistas argentinos, uruguaios e paraguaios. Exemplo desta integração está no disco “Payador - Pampa – Guitarra”, de Jayme e Noel, gravado em Buenos Aires, Argentina e em São Paulo. Nas gravações realizadas em Buenos Aires o disco teve participação dos instrumentistas argentinos Raul Barbosa<sup>8</sup> e Bartolomé Palermo<sup>9</sup>.

Outros intercâmbios se deram com músicos argentinos que migraram para o Brasil. Três instrumentistas tiveram profunda importância nas gravações dos discos dos Troncos Misioneiros: os bandoneonistas Chaloy Jara<sup>10</sup> e Ricardo Buri<sup>11</sup>; e o violonista Lúcio Yanel<sup>12</sup>. Chaloy gravou em três dos quatro discos de Cenair Maicá (“Rio de minha infância”, “Caminhos” e “Canto dos livres”) e no disco “Payador”, de Jayme. Já Ricardo Bury (também creditado como Maestro Bury), gravou o disco “Meu Canto”, de Cenair, e no disco “A volta do payador”, de Jayme. Lúcio Yanel foi o violonista que mais gravou com Jayme, participando dos discos “O Payador”, “Paisagens perdidas” e “Payadas”. Também participou do disco “Meu Canto”, de Cenair, e do disco “Galo Misioneiro”, de Ortaça.

No repertório dos Troncos Misioneiros, encontramos músicas de artistas argentinos, uruguaios e paraguaios. De compositores argentinos, Noel Guarany regravou três canções de Atahualpa Yupanqui<sup>13</sup>: “Milonga del peon de campo”, “Para ele que mira sem ver” e “Los Ejes de mi carreta”. Gravou também “El rancho e la cambicha” de Mario Millan Medina<sup>14</sup>; “Alma Guarani”, de Osvaldo Sosa Cordero<sup>15</sup> e Damásio Esquivel<sup>16</sup>; “Villa Guillermina”, de Gregório Molina<sup>17</sup> e Visconti Vallejos<sup>18</sup>. Além disso, musicou trechos do épico “Martín Fierro”, de José Hernández<sup>19</sup>, e fez uma versão para “Rio Manso”, de Cholo Aguirre<sup>20</sup>. Também regravou canções de compositores uruguaios: duas de Anibal Sampayo<sup>21</sup> e outra dos irmãos Carlos e Santiago Soares de Lima; também uma de Santiago Chalar<sup>22</sup> e Clodomiro Perez. E “Volve, Volve”, composta em parceria pelos paraguaios Pelala, Ascêncio, Gabriel e Ramón Rodríguez.

O disco “Payador”, de Jayme, contém quatro temas instrumentais de compositores argentinos: “El beso aquel”, de Francisco Cassis<sup>23</sup> e Luiz Mendoza<sup>24</sup>; “La Colonia”, de Transito Cocomarola<sup>25</sup>; “El rancho de la cambicha”, do já citado Mário Millan Medina; e “Merceditas” de Ramon Sixto Rios<sup>26</sup>. No disco “A volta do payador” estão dois temas de Ricardo Buri: “Milonga para Don Jaime” e “Sapo Rengo”.

Já Cenair Maicá compôs em parceria com Chaloy Jara e Talo Pereira, fez versão de Zamba para “Dicer Adiós”, de Argentino Luna<sup>27</sup> e para Puente Pessoa (de Mario Cocomarola). Também de Cocomarola (esta com Constante Aguer<sup>28</sup>), gravou o chamamé “Km II”. Também em seus discos estão presentes dois temas “solados” de instrumentistas argentinos que o acompanhavam: Chaloy Jara e Ricardo Buri. Ortaça também compôs em parceria com Talo Pereyra e fez versão da canção “Triste partida”, de Roberto Galarza<sup>29</sup>.

Outra aproximação com os países vizinhos se deu com a incorporação de ritmos de propagação latino-americana (OLIVEIRA; VERONA, 2008) nas canções compostas pelos Troncos Misioneiros. Segundo Oliveira e Verona (2008, p. 81), pelo fato de “estar situado em região de fronteira com dois outros países (Argentina e Uruguai, além da proximidade com o próprio Paraguai), por fatores históricos (guerras; invasões), econômicos (comércio, contrabando) e sociais (imigrações), assimilou parte da cultura vivenciada pelos povos circunvizinhos”. Dos ritmos latino-americanos, os mais presentes são a milonga e o chamamé. Além destes, encontramos também a guarânia, o rasguido doble, a rancheira e a zamba.

Quanto às letras, duas formas poéticas encontradas nas obras dos Troncos Misioneiros são de origem platina: a payada e a gauchesca. A payada, principal forma de expressão de Jayme Caetano Braun, é encontrada em partes do território de Argentina, Brasil e Uruguai. É uma poesia de origem platina, híbrido do espanhol com o paye (sacerdote indígena), (MANN, 2002, p. 6). Em geral, se trata de um repente em décima (estrofe de dez versos) de redondilha maior (versos de sete sílabas) e rima entrelaçada (todos os versos rimam entre si, alternadamente). Já a gauchesca, muito presente na obra de Noel Guarany, como afirma Cunha (2011, p. 9), “é uma tradição poético-literária surgida em fins do século XVIII, início do XIX, no que hoje é o Uruguai e a Argentina. Com os mais variados objetivos político-ideológicos teve sempre sua temática ligada a vida rural nesses países.”

Entendemos que a análise das letras não corresponde à totalidade para a compreensão de significados do texto musical. Por isso, outros materiais intertextuais devem ser incluídos como os visuais, uma vez que também comunicam significados e falam de identidades que as pessoas desejam desenvolver e apresentar. (KONG, 2007). Na formação dessa identidade missioneira articulada pelo grupo, algumas imagens expressam evidência disso. É o caso da imagem das Ruínas de São Miguel<sup>30</sup> como pode ser visto nas figuras 1 e 3, iconografia bastante utilizada na representação da região missioneira, presente nos discos dos Troncos Misioneiros, como também de inúmeros outros artistas identificados com a região. Outras iconografias bastante presentes são o Rio Uruguai (Fig. 2) e a Cruz de Lorena (ou Cruz Misioneira, fig. 4).

FIGURA 1 - Capa do disco Sem Fronteira, de Noel Guarany, 1975.

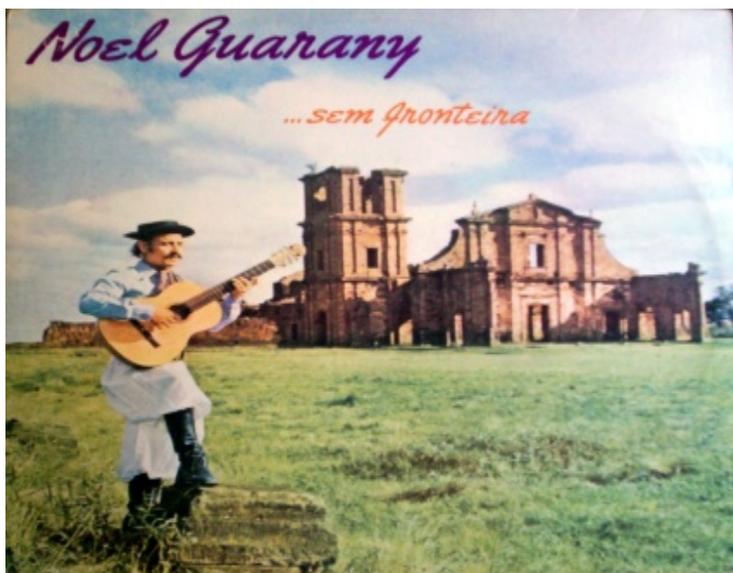


FIGURA 2 – Capa do disco Canto dos Livres, de Cenair Maicá, 1983.

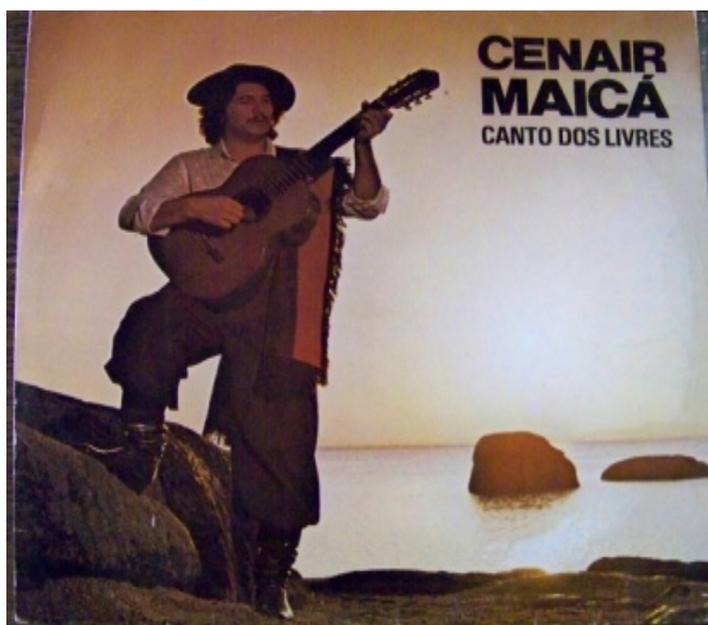


FIGURA 3 – Capa do disco Pátria Colorada, de Pedro Ortaça, 2007.



FIGURA 4 - Capa do disco Payador, pampa e guitarra, de Noel Guarany e Jayme Catano Braun, 1976.



## MÚSICA REGIONAL MISSIONEIRA

Segundo Brum (2005, p. 124), o termo “Música Missioneira” compreende dois significados distintos: no primeiro – histórico – é uma música executada nos Sete Povos, ensinada pelos padres jesuítas, reproduzida e (re)inventada pelos índios Guaranis; já no segundo, a Música Missioneira refere-se ao regionalismo, feita como possibilidade de nomeação e de classificação do passado missioneiro no presente, no sentido de apologizá-lo para revivê-lo”. Chamaremos esta de Música Regional Missioneira, na qual as obras de Jayme, Noel, Ortaça e Cenair são legítimos troncos. Segundo Pommer (2009, p. 164), as características principais desta Música Regional Missioneira, produto da cultura específica de uma parte da região das Missões eram a “denúncia e o protesto”. Ainda segundo a autora, “a música dos Troncos Missioneiros pode ser compreendida como a recriação de um passado específico, procurando conectá-lo ao presente”. Segundo a autora, “esse passado está relacionado ao período das Reduções Jesuíticas dos índios Guaranis”.

Os Troncos Missioneiros possuem grande importância na construção de uma Música Regional Missioneira. Podemos dizer que esses artistas foram o cerne, como bem sugere a analogia ao tronco de uma árvore, de onde partiram as ramificações que preservam, reconstróem e atualizam a identidade musical missioneira. A construção de uma Música Regional Missioneira parte de algumas influências anteriores importantes, como raízes que deram sustentação aos cerne. Muitos dos quais citamos anteriormente, como os argentinos Atahualpa, Cocomarola, Osvaldo Sosa Cordeiro, entre outros. Outros, são artistas populares das missões: Reduzino Malaquias<sup>31</sup>, que gravou no primeiro disco de Ortaça, e Tio Bilia<sup>32</sup>, ao qual Cenair presta homenagem na sua “Rancheira do Tio Bilia”. Seguindo a linhagem dos Troncos Missioneiros, hoje são ramagens seus descendentes e parentes diretos: os irmãos Alberto, Gabriel e Marianita Ortaça<sup>33</sup>; Valdomiro Maicá<sup>34</sup> e seu filho Atahualpa, Patrício Maicá<sup>35</sup>, e por fim, Laura Guarany<sup>36</sup>.

Além dos familiares, outros artistas também se identificam como missioneiros, mesmo que abrangendo outras temáticas e propostas estéticas musicais. Em uma vertente mais relacionada a uma música de luta e protesto, está Jorge Guedes<sup>37</sup> e a Família Guedes (seus filhos Anaí e Karay Guedes). Noutra, mais ligada aos festivais de canção nativa<sup>38</sup>, tem como expoentes os músicos Luiz Carlos Borges<sup>39</sup>, Érlon Pérciles<sup>40</sup> e Ângelo Franco<sup>41</sup>. Também há uma ramificação mais “popularesca”, inspirada em trovadores, geralmente associada a temáticas irônicas ou letras de duplo sentido, onde os expoentes são Xirú Missioneiro<sup>42</sup> e Baitaca<sup>43</sup>.

Devemos ressaltar a influência dos Troncos Missioneiros na Música Popular do Rio Grande do Sul, como também em outros estados brasileiros e em países vizinhos. A partir dos anos 90, conforme DIAS (2008, p. 52), a música regional do Rio Grande do Sul tornou-se “uma área de afirmação de disputas simbólicas e afirmações de legitimidade” por dois grupos: “a Música Campeira, oriunda do nativista, e a Tchê Music, provinda de bailes em CTGs”. Em ambos grupos, há regravações da obra musical dos Troncos Missioneiros.

Na Música Campeira, onde prevalece o uso de violão, gaita e contra baixo (às vezes acrescido de percussão), onde o grande expoente é Luiz Marengo. Marengo gravou um disco só com canções de Noel Guarany (“Luís Marengo canta Noel Guarany”, de 1996) e outro musicando letras de Jayme Caetano Braun, intitulado “Luís Marengo canta Jayme Caetano Braun”, de 1991. Além disso, durante sua carreira, regravou a canção “Mágoas de Posteiro”, de autoria de Cenair Maicá, no disco “Filosofia de Andejo” de 1993. Também na música campeira, a dupla César Oliveira & Rogério Mello, fãs de Pedro Ortaça, homenageiam o missioneiro com o título de um tema instrumental no disco “Cantigas para o meu chão”, de 2010. Por sua vez, o artista Juliano Amaral<sup>42</sup> apresenta um espetáculo somente com canções de Noel Guarany e Cenair Maicá.

Nas bandas<sup>43</sup> de Tchê Music e nos conjuntos de baile também há referência aos Troncos Missioneiros. Embora não seja tão presente como na música campeira, há várias regravações por alguns dos mais importantes grupos. Os Serranos, por exemplo, grupo mais bem sucedido da música regional gaúcha (DIAS, 2008), regravou canções de Pedro Ortaça em duas ocasiões: “Bailanta do Tibúrcio” (No disco “Bandeira dos Fortes”, de 1987) e “Timbre de Galo” (no disco “Os Serranos interpretam sucessos Gaúchos”). Já o grupo Os Nativos (do Oeste de Santa Catarina) cantam dois temas recolhidos por Noel Guarany: “Na Baixada do Manduca” e “Chimarrita sem Fronteira”, ambas presentes no disco “18 Grandes Sucessos”, de 1991. Também regravaram “Baile da Cola Atada”, de Ortaça, no disco “Canta Catrina” 1997. Por sua vez, a dupla de interpretes Oswaldir & Carlos Magrão, regravou os quatro “troncos missioneiros”: de Ortaça, “Surungo no campo fundo”, no disco “Versos, Guitarra e Caminho”, de 1989, e “Velha Gaita”, no disco de mesmo nome, em 1993. Também do disco “Velha Gaita”, há uma gravação da canção “Canto dos Livres”, de Cenair Maicá. “Homem Rural”, também de Cenair, está no disco Gaúcho “Amigo” de 2003. “Prece”, poesia de Jayme Caetano Braun, está no disco “Querência Amada”, de 1997, enquanto “Destino” de Peão, de Noel Guarany, está no disco “China Atrevida”, de 2004.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Além de fomentar uma Música (Regional) Missioneira, outro legado dos artistas relacionados como Troncos Missioneiros está no pioneirismo da construção de uma identidade missioneira através da música. Como pontua Kong (2007, p. 153), “a música é, portanto, um meio pelo qual identidades são (des)construídas” e como Castro (2009, p. 15) complementa “[evidencia] a importância dessa arte na formação de “comunidades imaginadas”.

Como afirma Pommer (2009, p. 163), ao analisar a produção da identidade missioneira na cidade de São Luiz Gonzaga, que desde fins dos anos 60 as obras de Jayme Caetano Braun e Noel Guarany, “podem ser consideradas um dos pontos de partida na estruturação e na divulgação do que se acreditava ser a identidade missioneira”. Além de ser um dos pontos de partida, para a autora a Música Regional Missioneira (2009, p. 178), “continua sendo um dos principais elementos de divulgação do que chamamos aqui de gaúcho missioneiro”.

## NOTAS

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS. Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43136, sala 218, Porto Alegre-RS. CEP: 91509-900. E-mail: [iuribar@yahoo.com.br](mailto:iuribar@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Na época, o município de Bossoroca pertencia a São Luiz Gonzaga.

<sup>3</sup> Desse trabalho folclórico, registra canções como “Baixada do Manduca”, “Adeus Morena”, “Décima do potro baio”, “Chamarrita sem fronteira”.

<sup>4</sup> Especialmente pelo binômio trigo-soja.

<sup>5</sup> Guarani missioneiro, santo popular, declarado “herói guarani missioneiro rio-grandense” pela Lei nº 12.366.

<sup>6</sup> Guarani missioneiro, herói na província de argentina de Misiones.

<sup>7</sup> Nascido em Yapeju, província de Corrientes, herói da independência argentina.

<sup>8</sup> Acordeonista, natural de Buenos Aires, Argentina. Descendente de guaranis, atualmente reside na França, onde é chamado o “Embaixador do Chamamé”.

<sup>9</sup> Violonista, nascido em Villa Guillermina, província de Santa Fe, Argentina.

<sup>10</sup> Bandoneonista e compositor nasceu em Posadas, capital da província argentina de Misiones, em 1931. Morou por mais de 20 anos no Rio Grande do Sul, onde ficou conhecido como o “Rei do Chamamé”.

<sup>11</sup> Bandoneonista e compositor. Nasceu na Finlândia em 1943, mas se mudou com seus pais para Oberá, Província de Misiones, aos dois anos de idade.

<sup>12</sup> Violonista, nascido em Corrientes, em 1946, radicado no Brasil há mais de 30 anos, violonista com maior produção na história do violão gaúcho.

<sup>13</sup> Natural de Buenos Aires, é considerado um dos mais importantes expoentes da Música Folclórica Argentina.

<sup>14</sup> Apelidado de “el cantor chamamecero”, nasceu província de Goya, em 25 de maio de 1913 e faleceu na cidade de Rosario em 6 de novembro de 1977.

<sup>15</sup> Compositor de inúmeros temas correntino. Nasceu em Concepcion, província de Corrientes, Argentina, em 1906. Foi mundialmente regravada sua canção “Anahí”.

<sup>16</sup> Bandoneonista e compositor, filho de correntinos. Nasceu em 1919 em Rosario, Província de Santa Fe, Argentina.

<sup>17</sup> Cantor, violonista e compositor, nasceu em Puerto Libertad, Província de Misiones em 1937.

<sup>18</sup> Jornalista, poeta, e escritor, Nascido 1927 em Villa Guillermina, província de Santa Fe, Argentina.

<sup>19</sup> Poeta, político e jornalista argentino, conhecido, principalmente, pelo livro “Martin Fierro” considerado o livro pátrio da Argentina.

<sup>20</sup> Cantor, violonista e compositor, nasceu em San Lorenzo, Província de Santa Fe, em 1928.

<sup>21</sup> Cantor, poeta, violonista, arpista e compositor, nascido em Paysandu, Uruguai, em 1926.

<sup>22</sup> Poeta e cantor, nascido em Montevideo, em 1938.

<sup>23</sup> Bandoneonista e compositor, nasceu em 1922 na cidade de La Paz, Província de Entre Ríos, Argentina.

<sup>24</sup> Ator, poeta, jornalista, e compositor, nasceu em Bella Vista, Província de Corrientes, Argentina, em 1914.

<sup>25</sup> Bandoneonista e compositor, nascido em Corrientes, Argentina em 1918. Conhecido como “El Taita del chamamé”.

<sup>26</sup> Cantor, violonista e compositor, nasceu em 1913, em Federación, Província de Entre Ríos.

<sup>27</sup> Cantor e compositor argentino, nasceu na província de Buenos Aires, em 1941.

<sup>28</sup> Poeta, cantor, violonista, escritor que nasceu em 1918, em Buenos Aires.

<sup>29</sup> Cantor, violonista, contrabaixista e compositor, nasceu em 1932 no Distrito Alto Verde, Província de Santa Fe.

<sup>30</sup> Sítio arqueológico localizado na cidade de São Miguel das Missões, o mais preservado de todos os situados em território brasileiro.

<sup>31</sup> Gaiteiro, nascido no interior de São Nicolau, gravou os primeiros discos de Pedro Ortaça,

além de um disco solo instrumental, no fim da vida.

<sup>32</sup> Expoente da gaita ponto, nascido em Santo Ângelo.

<sup>33</sup> Filhos de Pedro Ortaça, comumente se apresentam junto ao pai, formando a Família Ortaça.

<sup>34</sup> Irmão de Cenair Maicá, com inúmeros discos lançados.

<sup>35</sup> Filho de Cenair Maicá, gravou um CD.

<sup>36</sup> Interpreta as canções do seu pai, Noel Guarany.

<sup>37</sup> Natural de São Luiz Gonzaga, gravou o último disco de Noel Guarany: "A volta do missioneiro".

<sup>38</sup> Onde o principal meio de difusão e consumo está nos festivais de canção nativa.

<sup>39</sup> Acordeonista nascido no interior de Santo Ângelo que trouxe para a Música Regional Missioneira elementos de sua formação formal em Música na UFSM.

<sup>40</sup> Cantor e compositor nascido em São Luiz Gonzaga, faz parte do grupo Buenas e M'Espalho. É sobrinho de Luiz Carlos Borges.

<sup>41</sup> Cantor e compositor nascido em São Luiz Gonzaga, faz parte do grupo Buenas e M'Espalho.

<sup>42</sup> O espetáculo chama-se "Prosa Galponeira", pode ser visto em: <<http://prosagalponeira.blogspot.com.br/2009/11/lisandro-amaral-canta-noel-guarany-e.html>>

<sup>43</sup> Grupos e conjuntos musicais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Ministério da Cultura**. Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural. Homologação do resultado final do prêmio culturas Populares 2008. Edital SID/MINC nº 29, de novembro de 2008.

BRAUN, Jayme Caetano. Os Quatro Missioneiros. In: BRAUN, Jayme Caetano; GUARANY, Noel; MAICÁ, Cenair; ORTAÇA, Pedro. **Troncos Missioneiros**. Porto Alegre: USA Discos, 1987. CD, faixa I.

BRAUN, Jayme Caetano. Payada. In: \_\_\_\_\_. **O Payador**. Rio de Janeiro: Polygram, 1983. Long Play. Lado A, faixa I.

BRUM, Ceres Karan. **Esta terra tem dono**: uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul. 2005. 333f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

CASTRO, Daniel. Geografia e Música: a dupla face de uma relação. In: **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ. N. 26, p. 7-18, jul-dez 2009.

CUNHA, Davi dos Santos. **O Projeto poético musical de Noel Guarany**: A construção de uma

memória e uma identidade missioneira e guarani do gaúcho (1956-1988). 2011. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Curso de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

DIAS, Valtom Neves Chaves. **O consumo de música regional como mediador de identidade**. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

GUARANY, Noel. Fandango da fronteira. In: \_\_\_\_\_. **Legendas Missioneiras**. Rio de Janeiro: RGE, 1971. Long Play. Lado A, faixa I.

JÚDICE, Henrique. E a lança fez-se guitarra. In: **A nova democracia**. Ano VII, n. 53, jun 2009.

KONG, Lily. Música Popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (org.) **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

MAICÁ, Cenair. Baile do Sapucay. In: \_\_\_\_\_. **Caminhos**. São Paulo: WEA, 1980. Long Play. Lado B, faixa I.

MANN, Henrique. **Som do sul: a história da música do Rio Grande do Sul no século XX**. Porto Alegre: Tchê, 2002.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. (org.). **Fronteiras e espaço global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998.

OLIVEIRA, Silvio de; VERONA, Valdir. **Gêneros musicais campeiros no Rio Grande do Sul: ensaio dirigido ao violão**. Porto Alegre: Editora Nativismo, 2008.

ORTAÇA, Pedro. **Release**. Disponível em: <<http://www.pedroortaca.com.br/?pg=8902>>. Acesso em: 24 abr. 2011.

ORTAÇA, PEDRO. Três Bandeiras. In: \_\_\_\_\_. **17 grandes sucessos de Pedro Ortaça**. Caxias do Sul/RS: Acit. 2009. CD. Faixa 10.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo** - história da produção de uma identidade regional. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

SOSA, Chico. **Noel Guarany, Destino Missioneiro**. Santa Maria: Editora Che Sapucay, 2003.